

Agatha Christie
Um Crime no Expresso Oriente

Tradução de
Alberto Gomes

Revisão da tradução
Carolina Vasconcelos

ÍNDICE

PARTE I *Os Factos*

I Um passageiro importante no Expresso Tauro	11
II O Hotel Tokatlian	19
III Poirot recusa um caso	26
IV Um grito na noite	33
V O crime	37
VI Uma mulher?	47
VII O corpo	54
VIII O caso do rapto Armstrong	63

PARTE II *Depoimentos*

I O depoimento do revisor	69
II O depoimento do secretário	75
III O depoimento do criado	80
IV O depoimento da senhora americana	85
V O depoimento da senhora sueca	92
VI O depoimento da princesa russa	97
VII O depoimento do conde e da condessa Andrenyi	103
VIII O depoimento do coronel Arbuthnot	108
IX O depoimento de Mr. Hardman	115
X O depoimento do italiano	121
XI O depoimento de Miss Debenham	125
XII O depoimento da dama de companhia alemã	130
XIII Síntese dos depoimentos dos passageiros	136
XIV A prova da arma	143
XV A prova das bagagens dos passageiros	150

PARTE III *Hercule Poirot Senta-se e Pensa*

I	Quem de entre eles?	165
II	Dez perguntas	172
III	Certos aspectos sugestivos	177
IV	A mancha de gordura num passaporte húngaro	184
V	O nome de baptismo da Princesa Dragomiroff	190
VI	Um segundo interrogatório ao coronel Arbuthnot	194
VII	A identidade de Mary Debenham	197
VIII	Mais revelações surpreendentes	201
IX	Poirot propõe duas soluções	207

PARTE I
Os FACTOS



CAPÍTULO I

UM PASSAGEIRO IMPORTANTE NO EXPRESSO TAURO

Eram cinco horas de uma manhã de Inverno na Síria. O comboio, grandiosamente designado nos guias ferroviários como Expresso Tauro, estendia-se ao longo da plataforma de Aleppo. Consistia numa carruagem-cozinha e restaurante, numa carruagem-cama e em duas carruagens para os passageiros locais.

Um jovem tenente francês de uniforme resplendente estava junto do estribo que dava para a carruagem-cama a conversar com um homenzinho magro agasalhado até às orelhas e do qual se via apenas a pontinha vermelha do nariz e as arestas de um bigode revirado para cima.

Estava um frio de enregelar, e esta obrigação de acompanhar à estação um distinto estrangeiro não tinha nada de invejável, mas o tenente Dubosc cumpria a sua parte corajosamente. Saíam-lhe dos lábios expressões amáveis num francês educado. Não que ele soubesse o que se passava. Houve rumores, claro, como havia sempre em casos assim. O temperamento do general — do *seu* general — piorara cada vez mais. E depois aparecera este estrangeiro belga — directamente de Inglaterra, segundo o que se dizia. Foi uma semana... uma semana de inusitada tensão. E depois aconteceram certas coisas. Um oficial notável suicidara-se, outro demitira-se — os rostos ansiosos perderam subitamente a ansiedade, certas precauções militares afrouxaram. E o general — o general a quem o tenente Dubosc reportava — pareceu rejuvenescer dez anos.

Dubosc chegara mesmo a ouvir acidentalmente uma conversa entre ele e o belga: «Salvou-nos, *mon cher*», dissera o general com emoção, o grande bigode branco tremendo-lhe enquanto falava. «Salvou a honra do exército francês — evitou uma grande carnificina! Como posso agradecer-lhe por ter acedido ao meu pedido? Vir de tão longe...».

O estrangeiro (que dava pelo nome de M. Hercule Poirot) fornecera então

uma resposta oportuna que incluía a frase: «E eu esqueceria por acaso que já me salvou a vida uma vez?». E o general dera também uma resposta oportuna, negando qualquer mérito por esse serviço passado, e, por entre mais menções à França, à Bélgica, à glória, à honra e coisas afins, tinham-se abraçado efusivamente e a conversa terminara.

O tenente Dubosc continuava ainda às escuras sobre o que é que se tinha passado, só sabia que o tinham encarregado de acompanhar M. Poirot ao Expresso Tauro, tarefa que estava a desempenhar com todo o zelo e entusiasmo próprios de um oficial jovem com uma auspiciosa carreira diante de si.

— Hoje é domingo — disse o tenente Dubosc. — Amanhã à tarde, já estará em Istambul.

Não era a primeira vez que fazia aquela observação. As conversações numa plataforma de embarque, antes de o comboio partir, tendem a ser algo repetitivas.

— Assim é.

— E, segundo creio, pretende demorar-se por lá alguns dias?

— *Mais oui*. Istambul, uma cidade que nunca visitei. Seria uma pena passar apenas por lá, *comme ça*. — E estalou os dedos de modo expressivo.

— Não há pressas, vou demorar-me por lá uns dias, como turista.

— Santa Sofia, uma maravilha — disse o tenente Dubosc, que nunca vira esse templo.

Um vento frio silvou pela plataforma. Ambos tiritaram. O tenente Dubosc conseguiu deitar um olhar sub-reptício ao relógio. Cinco para as cinco — só faltavam mais cinco minutos!

Pensando que o outro notara aquele olhar sub-reptício, apressou-se a entabular conversa novamente.

— Pouca gente viaja nesta época do ano — disse, olhando de relance para as janelas da carruagem-cama acima deles.

— Assim é — concordou Poirot.

— Esperemos que o Tauro não fique preso na neve!

— Pode acontecer isso?

— Já aconteceu, já. Não este ano, pelo menos até agora.

— Esperemos então que não — disse M. Poirot. — As previsões meteorológicas para a Europa são más.

— Muito más. Nos Balcãs há muita neve.

— Na Alemanha também, pelo que ouvi dizer.

— *Eh bien!* — disse o tenente Dubosc, apressadamente, quando parecia que ia haver nova pausa. — Amanhã à tarde, às sete e quarenta, estará em Constantinopla.

— Sim — disse Poirot, e prosseguiu com algum desespero: — Santa Sofia, ouvi dizer que é maravilhosa.

— Magnífica, segundo creio.

A cortina de um dos compartimentos da carruagem-cama acima deles foi levantada e uma mulher jovem olhou para fora.

Mary Debenham tinha dormido pouco desde que deixara Bagdade, na quinta-feira anterior. Não conseguira dormir bem, nem no comboio para Kirkuk, nem na hospedaria em Mossul, nem na noite anterior no comboio. E agora, esgotada por ter permanecido acordada na cama naquele ar quente e pesado do compartimento sobreaquecido, decidiu levantar-se e espreitar lá para fora.

Devia estar em Alepo. Nada digno de se ver, claro. Apenas uma comprida plataforma pobremente iluminada e o ruído de furiosas alterações em árabe algures por ali. Dois homens estavam a falar em francês por baixo da sua janela. Um era oficial, o outro um homenzinho com uns bigodes enormes. Sorriu tenuemente. Nunca vira ninguém assim tão agasalhado. Devia estar muito frio lá fora. Era por isso que o calor no comboio era tão terrível. Tentou forçar a janela um pouco mais para baixo, mas em vão.

O revisor da carruagem-cama acercara-se dos dois homens. Disse que o comboio estava prestes a partir; que era melhor Monsieur embarcar. O homenzinho tirou o chapéu. Mas que cabeça em forma de ovo ele tinha! Apesar das suas preocupações, Mary Debenham sorriu. Que homenzinho de aspecto mais ridículo! O género de homenzinho que ninguém levaria a sério.

O tenente Dubosc estava a proferir o seu discurso de despedida. Tinha-o preparado de antemão e guardara-o até ao último minuto. Era um discurso admirável e cortês.

Para não ficar atrás, M. Poirot respondeu-lhe na mesma moeda.

— *En voiture*, Monsieur — disse o revisor.

M. Poirot subiu a bordo do comboio com um ar de infinita relutância. O revisor subiu atrás dele. Poirot acenou com a mão. O tenente Dubosc

correspondeu à saudação. O comboio avançou lentamente com um enorme solavanco.

— *Enfin!* — murmurou M. Hercule Poirot.

— Brrrrr — disse o tenente Dubosc, tomando plena consciência de como se sentia enregelado...

— *Voilà*, Monsieur — disse o revisor a Poirot, mostrando-lhe com um gesto dramático a beleza do compartimento e a perfeita arrumação da bagagem. — A pequena maleta de Monsieur, coloquei-a aqui.

A mão estendida era sugestiva. Hercule Poirot depositou-lhe na mão uma nota dobrada.

— *Merci*, Monsieur. — O revisor mostrou-se activo e eficiente. — Tenho aqui os bilhetes de Monsieur. Precisava também do seu passaporte, por favor. Monsieur interrompe a sua viagem em Istambul, segundo creio?

M. Poirot assentiu.

— Não há muita gente a viajar, imagino? — disse ele.

— Não, Monsieur. Tenho apenas mais dois passageiros, ambos ingleses. Um coronel da Índia e uma jovem senhora inglesa de Bagdade. Monsieur deseja alguma coisa?

Monsieur pediu uma garrafa de *Perrier*.

Cinco da manhã é uma hora estranha para se embarcar num comboio. Ainda faltavam duas horas para o dia nascer. Consciente de uma noite mal dormida e de uma delicada missão cumprida com êxito, M. Poirot encolheu-se num canto e adormeceu.

Quando acordou já passava das nove e meia e dirigiu-se energicamente para a carruagem-restaurant à procura de café quente.

Nesse momento só estava lá uma pessoa, obviamente a jovem senhora inglesa que o revisor mencionara. Era alta, esguia e morena — talvez vinte e oito anos. Mostrava uma atitude segura e fria no modo como tomava o pequeno-almoço e chamava o empregado para lhe trazer mais café, o que revelava um conhecimento do mundo e de quem estava habituado a viajar. Vestia roupa própria para viajar de um tecido escuro e leve, visivelmente adequado à atmosfera aquecida do comboio.

Sem nada melhor para fazer, M. Hercule Poirot dispôs-se a passar o tempo a observá-la sem aparentemente estar a fazê-lo.

Segundo julgava, era o género de jovem que sabia tomar conta de si com perfeito à-vontade para onde quer que fosse. Havia nela elegância e segurança. Gostou bastante daquela severa regularidade das feições e da delicada palidez da pele. Gostou do seu cabelo escuro, brilhante e ondulado, e dos olhos, frios, impessoais e acinzentados. Mas era, concluiu, demasiado altiva para ser aquilo a que chamava uma *jolie femme*.

Outra pessoa entrou então na carruagem-restaurante. Um homem alto, entre os quarenta e os cinquenta anos, magro, pele morena, cabelo ligeiramente grisalho nas fontes.

O coronel da Índia, disse Poirot para si próprio.

O recém-chegado fez uma ligeira vénia à jovem.

— Bom dia, Miss Debenham.

— Bom dia, coronel Arbuthnot.

O coronel tinha a mão pousada na cadeira em frente à da jovem.

— Permite-me? — perguntou.

— Certamente. Sente-se.

— Bem, como sabe, o pequeno-almoço nem sempre é uma refeição para conversas.

— Espero bem que não. Mas eu não mordo.

O coronel sentou-se.

— Rapaz! — chamou ele com modos peremptórios.

Pediu ovos e café.

Pousou os olhos por um momento em Hercule Poirot, mas desviou-os logo com indiferença. Interpretando correctamente a mentalidade inglesa, Poirot sabia que ele dissera para si mesmo: «O raio de um estrangeiro qualquer».

Fiéis à sua nacionalidade, os dois ingleses não eram muito conversadores. Trocaram uns breves comentários e pouco depois a rapariga levantou-se e voltou para o seu compartimento.

Partilharam novamente a mesa ao almoço, e de novo ambos ignoraram por completo o terceiro passageiro. A conversa foi mais animada do que ao pequeno-almoço. O coronel Arbuthnot falou do Punjab e ocasionalmente fazia algumas perguntas sobre Bagdade, depreendendo-se que ela tinha

desempenhado um cargo de preceptora. No decurso da conversa descobriram alguns amigos comuns, o que teve o efeito imediato de os tornar mais amigáveis e menos rígidos. Falaram então do velho Tommy Fulano e Jerry Sicrano. O coronel perguntou-lhe se ia directamente para Inglaterra ou se se demoraria em Istambul.

— Não, vou directamente.

— E não tem pena?

— Fiz este percurso há dois anos e passei então três dias em Istambul.

— Oh, compreendo. Bem, devo dizer que fico contente por seguir directamente, pois o mesmo acontece comigo.

Fez uma espécie de pequena vénia desajeitada, corando um pouco.

É susceptível o nosso coronel, pensou Hercule Poirot, algo divertido. Viajar de comboio é tão perigoso como uma viagem por mar.

Miss Debenham disse, impassível, que isso seria muito agradável. Mas a sua atitude era ligeiramente reservada.

Poirot reparou que o coronel a acompanhou ao compartimento. Mais tarde atravessavam o magnífico cenário do Tauro. A rapariga deu subitamente um suspiro quando estavam no corredor ao lado um do outro a observarem os Portões da Cilícia lá em baixo. Poirot estava perto deles e ouviu-a murmurar:

— É tão bonito! Quem me dera... quem me dera...

— Sim?

— Quem me dera poder disfrutar disto!

Arbuthnot não disse nada. A linha quadrada do maxilar pareceu tornar-se um pouco mais austera e severa.

— Deus sabe como eu gostaria que estivesse fora de tudo isto — disse ele.

— Cale-se, por favor. Cale-se.

— Oh!, não há problema. — Lançou um olhar ligeiramente aborrecido na direcção de Poirot. E prosseguiu: — Mas não me agrada a ideia de a ver como preceptora, sempre às ordens de mães tiranas e dos seus fedelhos cansativos.

Ela riu com uma entoação que sugeria alguma perda de controlo.

— Oh!, não deve pensar assim. A preceptora oprimida não passa de um

mito bastante gasto. Asseguro-o de que os pais é que têm medo de serem maltratados por mim.

Não disseram mais nada. Arbutnот sentia-se talvez envergonhado da sua explosão de sentimentos.

Mas que comediazinha mais estranha observo eu daqui, disse Poirot para si próprio, pensativo.

Iria lembrar-se posteriormente daquele pensamento.

Chegaram a Konia nessa noite, cerca das onze e meia. Os dois ingleses saíram para distender as pernas, caminhando para cá e para lá na plataforma cheia de neve.

M. Poirot sentia-se feliz por estar a observar a actividade fervilhante da estação através de uma vidraça fechada. No entanto, cerca de dez minutos depois, resolveu que uma lufada de ar fresco não seria afinal má ideia. Fez preparativos cuidadosos, embrulhando-se em vários casacos e abafos e enfiando as botas impecáveis em galochas. Assim ataviado, desceu cautelosamente para a plataforma e começou a percorrê-la. Caminhou para lá da locomotiva.

Foram as vozes que lhe chamaram a atenção para os dois vultos indistintos na sombra de um vagão de mercadorias. Arbutnот estava a dizer:

— Mary...

A rapariga interrompeu-o.

— Agora não. Agora não. Quando tudo tiver passado. Quando tivermos deixado isto para trás... e *então*...

M. Poirot afastou-se discretamente, pensativo.

Quase não teria reconhecido a voz fria e segura de Miss Debenham.

Curioso, disse para consigo.

No dia seguinte interrogou-se se os dois não teriam talvez discutido. Falavam pouco um com o outro. A rapariga pareceu-lhe ansiosa. Tinha olheiras.

Eram cerca das duas e meia da tarde quando o comboio se deteve. As cabeças espreitaram para fora das janelas. Um pequeno grupo de homens amontoava-se junto da linha, a olhar e a apontar para algo debaixo da carruagem-restaurante.

Poirot debruçou-se e falou para o revisor que passava todo apressado.

O homem respondeu e Poirot recuou, e ao voltar-se quase colidiu com Mary Debenham, que estava mesmo atrás dele.

— O que é que aconteceu? — perguntou ela em francês e quase sem fôlego. — Por que é que parámos?

— Não é nada, Mademoiselle. Foi algo que se incendiou debaixo da carruagem-restaurante. Nada de grave. Já apagaram o fogo. Estão agora a reparar os estragos. Não há qualquer perigo, asseguro-lhe.

Ela esboçou um pequeno gesto abrupto, como se a ideia de perigo fosse algo completamente sem importância.

— Sim, sim, compreendo. Mas o tempo!

— O tempo?

— Sim, isto vai atrasar-nos.

— É possível... sim — concordou Poirot.

— Mas não nos podemos dar ao luxo de atrasos! Está previsto o comboio chegar às 6.55 e temos de atravessar o Bósforo e apanhar o Expresso do Oriente-Simplon na outra margem às nove horas. Se houver uma ou duas horas de atraso, vamos perder a ligação.

— É possível, sim — admitiu ele.

Olhou para ela com curiosidade. A mão agarrada à barra da janela não estava bem firme, e os lábios também lhe tremiam.

— Isso tem muita importância para si, Mademoiselle? — perguntou-lhe.

— Sim. Sim, tem. Eu... eu tenho de apanhar esse comboio.

Afastou-se e avançou pelo corredor para se juntar ao coronel Arbuthnot.

Mas aquela ansiedade era porém desnecessária. O comboio retomou a marcha dez minutos depois. Chegou a Haydapassar apenas com cinco minutos de atraso, tinha conseguido recuperar durante a viagem.

O Bósforo estava agitado e M. Poirot não apreciou a travessia. Tinha-se separado dos companheiros de viagem no barco e não tornou a vê-los.

Ao chegar à ponte de Gálata, dirigiu-se directamente para o Hotel Tokatlían.